

**CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO ENQUANTO EXPRESSÃO DO BEM VIVER:  
TECENDO UMA EPISTEMOLOGIA CAMPONESA**

*Coexistence with the semi-arid region as an expression of good living:  
weaving a peasant epistemology*

*Vivir con el semiárido como expresión del buen vivir: tejiendo una  
epistemología campesina*

Luan Gomes dos Santos de Oliveira

Doutor em Educação, Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

E-mail: [luan.gomes@professor.ufcg.edu.br](mailto:luan.gomes@professor.ufcg.edu.br)

Áltera, João Pessoa, Número 19, 2025, e01913, p. 1-19

ISSN 2447- 983



**RESUMO:**

O epistemicídio provocado por um modelo de desenvolvimento extrativista, colonial, trouxe para o centro do debate o problema do desaparecimento das sabedorias tradicionais camponesas, em virtude de uma hegemonia do agronegócio enquanto modo imperial econômico. Este texto tem como ideia fundamental identificar práticas e/ou saberes populares ou tradicionais que, ao longo da modernidade, fundaram a agricultura camponesa, assim como os corpos-territórios dos(as) agricultores(as) da Feira Agroecológica de Sumé-PB, Nordeste do Semiárido no Brasil. O objetivo deste texto é relatar as vivências no âmbito da Feira. Entende-se, ainda, como relevante abordar o tema desta pesquisa a partir do ponto de vista dos sujeitos aqui estudados. A pesquisa se orientou, portanto, à luz da pesquisa participante (Brandão, 1981), tomando como chave de leitura os instrumentos de trabalho de campo tais como o conviver, o criar e o vivido de maneira a dar visibilidade aos saberes numa perspectiva epistemológica e política da convivência com o semiárido enquanto prática do bem viver. Essa reflexão contribuiu para compreender como os saberes da tradição se tornaram vias de sustentação da agroecologia enquanto ciência e política para a vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saberes Tradicionais. Agricultura Familiar. Feira Agroecológica.

**ABSTRACT**

The epistemicide caused by an extractive, colonial development model has brought to the center of the debate the problem of the disappearance of traditional peasant wisdom, due to the hegemony of agribusiness as an imperial economic mode. This paper's fundamental idea is to identify popular or traditional practices and/or knowledge that, throughout modernity, founded peasant agriculture, as well as the body-territories of the farmers at the Agroecological Fair of Sumé-PB, Northeast Semiarid of Brazil. The objective of this text is to report the experiences within the scope of the Fair. It is also relevant to approach the theme of this research from the point of view of the subjects there studied. The research was therefore guided by the light of participatory research (Brandão, 1981), making use of fieldwork tools such as coexistence, creation and lived experience in order to give visibility to knowledge from an epistemological and political perspective of coexistence with the semi-arid region as a practice of good living. This reflection contributed to understanding how traditional knowledge offers multiple ways of supporting agroecology as a science and policy for life.

**KEYWORDS:** Traditional Knowledge. Family Farming. Agroecological Fair.



## RESUMEN:

El epistemicidio provocado por un modelo de desarrollo extractivo y colonial trajo al centro del debate el problema de la desaparición de la sabiduría tradicional campesina, debido a la hegemonía del agronegocio, como modo económico imperial. Este texto tiene como idea fundamental identificar las prácticas y/o conocimientos populares o tradicionales que, a lo largo de la modernidad, fundaron la agricultura campesina, así como los cuerpos-territorios de los agricultores de la Feria Agroecológica de Sumé-PB, Nordeste del Semiárido en Brasil. El objetivo de este texto es relatar experiencias vividas dentro de la Feria. También se entiende como relevante abordar el tema de esta investigación desde el punto de vista de los sujetos aquí estudiados. La investigación fue, por tanto, guiada por la luz de la investigación participativa (Brandão, 1981), tomando como clave de lectura del trabajo de campo instrumentos como la convivencia, la creación y la experiencia con el fin de dar visibilidad a los conocimientos desde una perspectiva epistemológica y política de la convivencia con el semiárido como práctica del buen vivir. Esta reflexión contribuyó a comprender cómo los conocimientos tradicionales se convirtieron en formas de sustentar la agroecología como ciencia y política para la vida.

**PALABRAS CLAVE:** Conocimientos Tradicionales. Agricultura Familiar. Feria Agroecológica.



## INTRODUÇÃO

O conhecimento tradicional é uma expressão cosmológica que vem sendo dinamizada pelas sociedades ao longo da história, permitindo-lhes adaptar-se e sobreviver às mais diversas adversidades, dentre elas o clima de algumas regiões, como o Nordeste brasileiro e o clima semiárido, um dos tipos de clima considerados mais quentes e que apresenta longos períodos de seca. Assim, por meio da observação e do contato com o ambiente, algumas populações desenvolveram um sistema de conhecimento para prever períodos de seca e chuva na região, por meio de insetos, animais, plantas ou até mesmo do sistema solar. É desse contexto que parto enquanto antropólogo, nascido no sítio, descendente de indígenas tarairiús-tapuyas e de ciganos calon, para buscar sabedorias ancestrais, caminhando por uma estratégia de retomada da minha ruralidade na escuta dos pequenos agricultores em Sumé/PB.

Entretanto, percebemos que há na sociedade atual um processo de desaparecimento desse conhecimento e dessa diversidade, que estão sendo cada vez mais substituídos por uma ciência da monocultura da mente (Shiva, 2003). Esse contexto traz consigo a necessidade de refletir, por meio de pesquisas e estudos, sobre fenômenos socioambientais que permeiam uma perspectiva complexa pautada na relação entre sociedade e natureza como modo de vida, existência e produção de sociabilidades no semiárido rural do Nordeste brasileiro. Vale destacar que mais do que substituir o conhecimento tradicional pelo conhecimento científico, entendemos como necessário o estabelecimento um diálogo de saberes, atuando de forma complementar e diferenciada para a expansão das ciências.

Primeiro, é importante entender o que são esses sistemas de conhecimento tradicional. De acordo com Paul E. Little (2010, p. 3), conhecimento tradicional é definido como “Todo conhecimento pertencente aos povos indígenas, populações agroextrativistas, quilombolas, comunidades ribeirinhas e outros grupos sociais que se autodenominam tradicionais, que é utilizado para suas atividades de produção e reprodução em suas respectivas sociedades”.

Trata-se, portanto, de um conhecimento local, coletivo e cultural que surge da relação e observação da natureza e é transmitido de geração em geração. É o que acontece, por exemplo, com os agricultores tradicionais. Nesta pesquisa, compartilharemos histórias de agricultores que estabeleceram um estilo de vida rural e possuem uma variedade de conhecimentos sobre plantas, animais, água e épocas de plantio; conhecimento adquirido por gerações anteriores ou pela experiência direta dos agricultores em suas práticas agrícolas e que está gradualmente



desaparecendo. Este último fato tem sido observado na crescente hegemonia do sistema agroindustrial, que por si só contribui para a modernização da colonialidade do ser e do saber.

Vandana Shiva (2003, p. 23) aponta que o desaparecimento do conhecimento tradicional local é resultado de um sistema de conhecimento colonizador que se torna dominante, negando a existência do conhecimento local e atribuindo-lhe o caráter de conhecimento “primitivo”, “arcaico” e “anticientífico”. Outros autores também problematizaram a morte ou o desaparecimento do campo diante da urbanização e industrialização globais. Isso foi concebido como um processo de modernização econômica baseado na dominação da agricultura sob a lógica do capitalismo, ou seja, na manipulação da agricultura como expressão do extrativismo colonial, baseado em um modelo de desenvolvimento anterior ao conhecimento camponês.

Esta pesquisa sobre os saberes tradicionais e a feira agroecológica em Sumé/PB, tem o objetivo de evidenciar como os saberes ancestrais podem, na contemporaneidade, representar alternativas e soluções para a crise ambiental em curso, dando origem a outras formas de produção, como a agroecologia, que, como apontam Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 25), consiste em uma alternativa que reconhece a importância de identificar os sujeitos e os conhecimentos ancestrais que eles carregam em suas mentes e corpos, para que se possa adquirir “uma perspectiva histórica mais abrangente, revelar os limites e preconceitos epistemológicos, técnicos e econômicos da modernidade e visualizar soluções de escala civilizatória para os problemas atuais”.

Toledo e Barrera-Bassols (2015) argumentam que a agroecologia valoriza e respeita os saberes dos produtores locais, diferentemente, por exemplo, da proposta de progresso na produção agroindustrial, que exclui esses sujeitos ao impor-lhes os conhecimentos da ciência moderna. Portanto, a agroecologia, como forma de agricultura alternativa à agricultura industrializada, reconhece a pesquisa participativa como ferramenta fundamental para o diálogo entre sujeitos detentores de conhecimentos tradicionais e sujeitos detentores de conhecimentos científicos, considerando ambas as formas de conhecimento necessárias à espécie. Porque, “[...] o diálogo de saberes se torna então um princípio fundamental da pesquisa agroecológica” (p. 244, grifo dos autores.).

Portanto, nossa pesquisa parte desse princípio, que valoriza as diferenças e diversidades existentes entre os sujeitos, utilizando como método o diálogo entre o conhecimento científico da universidade e a sabedoria que advém dos agricultores



de Sumé/PB, a fim de contar a história de vida de um agricultor rural nascido e criado no campo para assim compreender a história de vida do agricultor familiar, sua forma de lidar com o campo e as perspectivas dos saberes rurais e a experiência de lidar com a agricultura de forma agroecológica.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

O campo de estudo desta pesquisa foi a feira agroecológica de Sumé-PB, por meio do Programa de Iniciação ao Desenvolvimento Tecnológico e Inovação - PIBITI/ CNPq- UFCG, entre os anos de 2022 e 2023, realizada a partir de uma metodologia qualitativa, etnográfica, com visita técnica e entrevistas com agricultores familiares da feira agroecológica do município de Sumé-PB. Todas as entrevistas foram realizadas com o consentimento dos agricultores, utilizando gravações verbais e de imagens. Este estudo considerou as histórias de vida dos sujeitos, bem como suas experiências em campo antes e depois da iniciativa de implantação da feira agroecológica no município, com o objetivo de identificar as práticas e os saberes meteorológicos utilizados na agricultura.

Por meio da troca de diálogos e saberes, buscou-se acessar o conhecimento dos interlocutores, suas experiências no campo e os conhecimentos tradicionais que vêm de seus ancestrais – dos valores e práticas na agricultura até sua experiência antes e depois da modernização do campo. É importante sublinhar que o termo “tradicional”, – utilizado muitas vezes por comunidades acadêmicas no senso comum de “informação desorganizada” para desqualificar as comunidades tradicionais, revela-se um equívoco epistêmico, uma vez que as comunidades camponesas da agroecologia “[...] são também núcleos que conseguem a sua inserção no processo de globalização, impulsionado e mesmo imposto pela modernidade industrial, sem perder a sua identidade, isto é, sem sacrificar sua própria memória histórica” (Toledo; Barrera-Bassols, 2015, p. 254).

As conversas foram gravadas em formato audiovisual, utilizando ferramentas como câmera de celular e gravador de voz, além de notas de campo sobre as visitas. Foram realizadas seis entrevistas, sendo quatro homens e duas mulheres, com idades entre 45 e 60 anos. Além das entrevistas, também foi realizada uma visita técnica a um agricultor da região. Esses agricultores e agricultoras moram no sítio Pitombeira, zona rural de Sumé, e suas plantações são agroecológicas, com cultivos de batata, alface, banana, tomate cereja, limão siciliano, laranja, couve, macaxeira, romã e ervas medicinais como hortelã etc.



Os agricultores foram identificados como potenciais possuidores de conhecimentos e práticas agroecológicas e se mostraram dispostos a participar da pesquisa. Para preservar suas identidades, optou-se por referi-los no texto com nomes fictícios: João, Paulo, José, Manoel, Maria e Joana. Considerou-se que esta atividade exigia que os sujeitos relatassem suas experiências e sabedorias sobre os conhecimentos tradicionais transmitidos pelos avós aos filhos, suas experiências com o campo e o que sabem sobre agroecologia. O conhecimento adquirido ao longo do tempo pode ser ensinado e transmitido, mas também pode ser atualizado e gerar novos conhecimentos. Thompson (2009, p. 22) acrescenta:

Por um lado, eles podem fornecer uma grande quantidade de informações factuais válidas, por exemplo, sobre onde uma pessoa viveu, suas estruturas familiares, tipos de trabalho etc. — informações que, de muitas maneiras, podem ser demonstradas como amplamente confiáveis; mas, além disso, eles também carregam a marca igualmente reveladora da força moduladora da memória e também da consciência coletiva e individual.

Para dar visibilidade às contribuições dos agricultores quanto às suas visões e experiências no campo, decidimos criar um glossário que centralizasse as informações coletadas em nossa pesquisa e que pudesse posteriormente ser usado como material de referência para mapear termos e previsões usados em nossa região que são pouco conhecidos. Nosso interesse aqui não está na ideia de “resgatar” esse conhecimento tradicional para nosso próprio uso ou privatização, mas sim em garantir que esse corpo de conhecimento tradicional sobreviva por gerações e seja “resgatado” da amnésia e da destruição causadas pela modernidade.

## **A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO COMO ESTRATÉGIA PARA O BEM VIVER**

Ao longo dos anos, a sabedoria tradicional da agricultura obviamente se perdeu. Estes são novos tempos, novas formas de agricultura, novas formas de vida. Mas isso não significa que não seja possível continuar resistindo. Isso não significa que não haja momentos para continuar praticando a tradição, ou mesmo para revitalizá-la.

Segundo Toledo e Barrera-Basols (2015, p. 23), a espécie humana é a única capaz de preservar memórias, fazendo uso consciente delas para remontar as suas próprias: “Embora, em teoria, todas as espécies tenham uma memória que lhes permite manter-se e sobreviver no contexto em constante mudança da história natural, a espécie humana é a única que pode remontar conscientemente as memórias que compõem sua própria história com a natureza.”



Mesmo com essa tentativa de modernização, a agricultura tradicional continua responsável por permitir a sobrevivência humana e é a maior produtora de alimentos. E não apenas comida, mas outros suprimentos também, para todos. Toledo e Barrera-Basols (2015, p. 57) explicam que “embora muito poucas tentativas tenham sido feitas para avaliar a contribuição do segmento tradicional para a sobrevivência de toda a espécie humana”, fica evidente que “essa parte da humanidade continua a fornecer grandes volumes de alimentos, matérias-primas, água e outros bens e serviços para o resto do mundo”.

Os camponeses raramente conseguiam ir à escola e ter conhecimento de escrita ou algo semelhante, mas possuíam muita sabedoria, especialmente sobre agricultura. Possuíam o que Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 92-93) chamam de conhecimento ecológico, ou seja, “um repertório de conhecimento ecológico que é geralmente local, coletivo, diacrônico e holístico”. Tendo longa “prática no uso de recursos, os povos tradicionais geraram sistemas cognitivos sobre os recursos naturais de seu próprio ambiente, que são transmitidos de geração em geração”.

Os autores explicam que esse conhecimento se dá em duas dimensões “espaço-temporais”: um agricultor que teve suas experiências construídas em um tempo, espaço e ambiente familiar específicos, e ali ele será preenchido de conhecimento, carregando consigo uma bagagem. Na família, os papéis são distribuídos com base no sexo e na idade, o que significa que essas pessoas terão experiências diferentes. Além disso, cada região tem uma crença diferente, um costume diferente, que muda ao longo do tempo. Tudo isso é transmitido pelos pais e avós através do diálogo, enriquecendo quem nele toma parte (Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

Mas essas memórias e conhecimentos estão sendo perdidos. Vandana Shiva (2003) ressalta que não é por falta de alternativas, mas que existem formas de preservar o que ela chama de monoculturas da mente. Ela diz que inúmeras coisas já foram perdidas por conta da falácia de não haver alternativas, mas é preciso abraçar a diversidade como forma de pensar, o que proporcionará um universo de possibilidades para reacender essas memórias e saberes ancestrais.

Diante dos memoricídios dos conhecimentos tradicionais locais, a agroecologia é considerada uma estratégia para o bem viver, ou seja, a preservação de culturas tradicionais enraizadas na natureza. Tendo como eixo central o diálogo do agricultor com a natureza, “o Buen Vivir, no Equador, ou Vivir Bien, na Bolívia, também o termo Kíchwa (sumak kawsay), suma qamaña (aymara) ou nhandereko (guarani)” (Acosta, 2016, p. 31), trata-se de um projeto político de mundo para construir sociedades



plurais e democráticas, incluindo outras economias que ultrapassam o capitalismo. É relevante ressaltar que o Bem Viver é uma expressão em construção e que tende a ser polifônica, assumindo diferentes expressões a depender da região, além de hibridizar perspectivas indígenas e camponesas, complementando, assim, a ideia de convivência com o semiárido, pois respeita as condições socioculturais e edafoclimáticas como parte da biorregionalidade e da biodemocracia (Shiva, 2003).

Diante disso, o modelo de desenvolvimento extrativista e capitalista, embora avance na perspectiva de ampliação do mercado consumidor para lucro rápido, pode ser questionado por ameaçar o modo de vida do semiárido, cuja formação climática remonta ao “período entre 10.000 e 8.000 anos, quando ocorreu uma mudança climática, com baixa precipitação pluviométrica formando o Bioma Caatinga” (Schistek, 2014, p. 91), onde particularidades culturais e econômicas o enriquecem, no sentido de uma aposta na convivência com o semiárido, numa economia diferenciada e pautada no respeito ao meio ambiente. Retornar a viver no semiárido evidencia um possível retorno ao metabolismo social da natureza e da sociedade como algo intrínseco à vida enquanto processo biocultural e político.

No entanto, no cenário político, cultural e econômico, tanto em nível local quanto global, tem sido criada uma imagem pobre do semiárido que se buscou historicamente cristalizar no imaginário social, estratégia esta empreendida nos marcos da civilização industrial, em que “os produtores são considerados apenas como receptores passivos dos conhecimentos provenientes da Ciência moderna” (Toledo; Barrera-Bassols, 2015, p. 244). É relevante situar essa questão no contexto do Cariri Ocidental Paraibano, lócus dessa experiência de pesquisa, um território vivo, habitado por Comunidades Camponesas de diversas etnias, incluindo indígenas e quilombolas que são alvo dos projetos desenvolvimentistas que as consideram pouco atraentes para o mercado capitalista.

Isso também se faz perceber no plano do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, campus da Universidade Federal de Campina Grande, localizado em Sumé, na Paraíba, que pouco tem se engajado por meio dos cursos de Agroecologia e Biosistemas, permitindo que esses sejam percebidos pela comunidade local como áreas de formação profissional pouco produtivas no âmbito do mercado. A universidade e sua base científica moderna tem flertado com o agronegócio que homogeneiza e hierarquiza os saberes científicos e os saberes tradicionais. Esta pesquisa vai na contramão desse modelo de universidade e ciência que não considera o seguinte argumento:



“A memória da espécie busca então se proteger *desde* e não *com*, ou seja, a partir das instituições centralizadas da civilização industrial, e não com os atores vivos e atuantes e seus cenários, que, em conjunto mantêm viva essa memória (os povos indígenas e tradicionais e a biodiversidade silvestre e cultivada)” (Toledo; Barrera-Bassols, 2015, p. 245).

A oposição entre conhecimento científico e conhecimento tradicional é um dos princípios legitimadores da era industrial, que funda a modernidade e sua compulsão pelo progresso. É preciso refundar a modernidade com outras bases teóricas e cosmológicas que partam da possibilidade “da história humana aprendesse com a história natural” (Toledo; Barrera-Bassols, 2015, p. 254). Aquela oposição engendrou “[...] devastações infligidas ao entorno natural, quer dizer, às condições físico-biológicas que permitem a existencia dos seres vivos, humanos e não humanos” e, principalmente, a “contaminação pelo uso de combustíveis fósseis e pelo desmatamento em regiões tropicais” (p. 252).

A crise da civilização industrial implantou uma crise planetária que deságua no fenômeno do Antropoceno, da ordem da cultura, que traz questionamentos relativos às mudanças históricas inscritas na relação sociedade-natureza: “[...] como os humanos fazem naturezas, como as naturezas fazem humanos, e como essa relação molda a história humana no longo prazo?” (Moore, 2022, p. 132). Isso pode levar ao pensamento de que a agroecologia é um dos princípios práticos e políticos e de justiça epistêmica para enfrentar o antropoceno, engrangrenado na tríade Ciência-Tecnologia-Mercado.

## **REACENDENDO A SABEDORIA TRADICIONAL DO SEMIÁRIDO NORDESTINO DA PARAÍBA (BRASIL)**

A nossa pesquisa girou em torno do tema das Sabedorias Tradicionais dos Mestres do Interior da Paraíba: Episódios de Memoricídio e a questão agroecológica. Buscamos identificar os saberes dos agricultores familiares presentes na feira agroecológica de Sumé-PB. As feiras agroecológicas são eventos onde agricultores familiares vendem produtos cultivados de forma sustentável, promovendo o acesso a alimentos frescos e saudáveis. Além da comercialização, essas feiras servem como espaços de troca de conhecimentos entre agricultores e consumidores, conscientizando sobre os benefícios da produção agroecológica para a saúde e o meio ambiente. A feira agroecológica de Sumé, iniciada em 2007, é um exemplo desse modelo e busca apoiar a produção familiar local, sendo de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Sumé-PB.



A pesquisa se estendeu à feira e às visitas a propriedades rurais com o intuito de vivenciar a sabedoria dos povos rurais em primeira mão, ouvir suas histórias e se deixar guiar por suas cosmovisões. Os sujeitos incluídos neste texto fizeram parte de uma pesquisa sobre as sabedorias tradicionais e sua relação com a agroecologia. Eles são pequenos agricultores familiares que se dedicam à produção agroecológica em seus pequenos sítios, onde possuem apoio de uma Associação de Agroecologia, da Prefeitura Municipal de Sumé-PB, de uma pesquisadora que auxilia diretamente a Feira Agroecológica, a Dra. Adriana de Fátima Meira que, como eu, vem trabalhando o potencial agroecológico do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande (CDSA-UFCG).

Todavia, mesmo com o curso de agroecologia no campus e com a existência de iniciativas que buscam resistir ao agronegócio que teima em ocupar espaço nele, nota-se o descaso com a formação do agroecólogo quando se perde vista a relação da Universidade com as comunidades tradicionais locais. Isso se faz ainda mais evidente com a perda de espaço da feira agroecológica há anos no CDSA/UFCG, ocasionada pela ausência de parcerias com instituições locais e pequenos agricultores para potencializar a produção agroecológica, além do fato de que a maioria dos docentes não buscaram formação humana e política no campo da ciência agroecológica, restringindo seu campo de atuação à agronomia de base agroindustrial e ao agronegócio, quando o Cariri Paraibano é um território rico em diversidade biocultural.

Visitamos a Feira Agroecológica de Sumé-PB entre os anos de 2023 e 2025 para conversar com os agricultores que ali trabalham e tentar identificar esses conhecimentos tradicionais. Visitamos o espaço onde ela está localizada e também o local onde são expostos os produtos artesanais produzidos por artesãos e agricultores da cidade. A Feira tem parceria com o PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável), iniciativa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e por meio da qual a instituição distribuía kits para os agricultores darem início ao projeto de produção agroecológica. Todos os agricultores precisam se associar à Associação dos Produtores Familiares Agroecológicos de Sumé (APFAS), cumprindo a regra basilar comum a todos: não utilizar agrotóxicos no cultivo de suas plantações.

Dialogamos um pouco com um fazendeiro que trabalha na Feira chamado José Abel. Ele nos contou um pouco sobre sua experiência na Feira e sobre algumas das técnicas utilizadas em seu cultivo, que se dá por meio da agricultura de base agroecológica realizada em uma propriedade pequena. Ele ainda nos contou que a agricultura se modernizou muito e que as técnicas usadas no passado raramente são usadas hoje.



Em outra visita à Feira, com o objetivo de observar o movimento da mesma, vimos uma roda de conversa com alguns senhores, que contavam uns aos outros sobre a estação chuvosa na região e diziam que este ano seria bom e muito produtivo para produção e colheita. O clima chuvoso é muito benéfico para a agricultura em nossa região. Eles discutiram a relação entre chuva e seca e os desafios que enfrentam durante a estação seca. Fizemos três visitas consecutivas às segundas-feiras para realizar entrevistas abertas com os agricultores e identificar seus conhecimentos sobre agroecologia e a Feira em si.

Os entrevistados confirmaram que a modernidade afetou de alguma forma as populações rurais; muitos dos métodos usados no passado já não são ouvidos. Nas palavras de Maria (2023): “Se você quer saber o valor da natureza, converse com um trabalhador rural.” Ela também conta que desde muito jovem ajudava os pais na lavoura e que sempre ensinou aos filhos como cuidar da plantação e a maneira correta de cultivá-la em cada estação e ano. Já José (2023) diz que, para saber se ia chover, bastava olhar para o céu e ver como estavam as nuvens ou então sentir o cheiro da terra molhada.

Os entrevistados geralmente nos contam o quanto é difícil quando está seco, mas que nos anos em que mais chove, a produtividade é alta e lucrativa. Eles têm pouca escolaridade, alguns nunca estudaram, mas sua sabedoria é inigualável: eles entendem a natureza, suas necessidades e como trabalhar com ela. Essa sabedoria pode ser compreendida como:

[...] um jeito de viver e sentir do pensamento, uma maneira de falar do mundo que associa simplicidade e sentimento de parentesco, coragem e afeto, vontade de verdade e consciência da incompletude e do erro. Sendo maior, mais plena, mais essencial e duradoura, a sabedoria não se reduz a um conjunto de conhecimentos. (Almeida, 2008, p. 47)

Depois de todas essas entrevistas, conversamos com um feirante que possui um pequeno sítio, o que nos proporcionou uma lição sobre como entender a natureza e suas reações. José nos mostrou tudo o que ele produz agroecologicamente em seu sítio e como participou da Feira Agroecológica, uma longa história de vida cheia de experiências e conhecimentos. José nos contou como começou a praticar agricultura orgânica: a motivação partiu do fato de ter sido envenenado enquanto trabalhava no campo. Depois de um período no hospital, ele refletiu sobre o quanto isso o afetou; então deixou para trás a agricultura com a interferência de agrotóxicos e se dedicou à fabricação de canoas, até que surgiu a oportunidade de entrar no mercado agroecológico em 2003-2004, o que ocorreu depois de muitas dificuldades. Naquela



época, o programa PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável), que doava kits aos agricultores, já estava em funcionamento. Após receber seu kit, ele começou a produzir e continua trabalhando com produção orgânica até hoje.

José também nos mostrou as técnicas agroecológicas que usa em seu sítio, onde cultiva uma grande variedade de produtos, incluindo alface, tomate, coentro, abobrinha, mamão, batata e limão. Algumas das técnicas mencionadas foram o uso de esterco de encosta (que é natural), xaropes usados para se livrar de pragas em certas plantações, urina de vaca, que é uma boa ureia para plantio, e a criação de abelhas cupira.

Ele nos disse que o mamão não precisa ser capinado, pois isso pode causar a morte da planta. Ao nos explicar tal coisa, ele acrescentou que aprendeu a observar e a pensar com a natureza, destacando a falta de interesse das novas gerações em entendê-la, pois elas se tornaram viciadas na tecnociência.

José conta que teve pouca escolaridade, pois antes só morava no campo, e também menciona algo importante, “o trabalho que o agricultor matuto faz com a sua própria mente”. A história de vida desse homem se resume em experiência e dedicação, com muitos anos de atuação na área de produção orgânica, buscando levar alimentos saudáveis e sustentáveis às mesas do povo de Sumé-PB. O objetivo da Feira Agroecológica é trabalhar com todos os produtos orgânicos, livres de insumos químicos, mas isso ainda é algo desvalorizado porque ninguém acredita que a agroecologia tenha mercado. O campo de pesquisa pode ser mais bem visualizado por meio das imagens que selecionamos, que versam sobre a relação que estabelecemos com os agricultores agroecológicos. Segue abaixo uma exposição dessas vivências e diálogos.

## **EXPOSIÇÃO E REGISTRO FOTOGRÁFICO**

“A fotografia parada, ainda que silenciosa, permite um retorno infinito ao ponto de observação, uma contemplação longa e repetida. Que este momento de contemplação seja propício ao surgimento de outras imagens, latentes no fundo da memória, e despertadas por aquelas [...] aqui apresentadas” (Silva; Andrade; Souza, 2010 p. 328). Essa exposição trata de uma pesquisa realizada entre os anos de 2022 a 2025 em Sumé-PB, observando particularmente a necessidade de registrar as experiências e os diálogos com os saberes da tradição, enquanto uma reserva antropológica.



**Foto 1 - Feira agroecológica em Sumé-PB**



Fonte: Oliveira, 2025

**Foto 2 - Vista de uma área plantada com alface e coentro**



Fonte: Oliveira, 2025

**Foto 3 - Registro de visita**



**Fonte: Oliveira, 2025**

As histórias que ouvimos nos fizeram refletir sobre o que é sabedoria e quem carrega essa sabedoria consigo. Segundo Maria da Conceição Almeida (2007, p. 10) na apresentação do livro *A natureza me disse*, de Francisco Lucas da Silva:

A sabedoria é como o lodo que mantém um lago vivo: é o que sobrevive em meio à supercontaminação de ideias, conceitos e informações. Quando dizemos “somos um dos fios da teia da vida”, quando abraçamos a ideia de que a vida é uma teia, estamos proclamando e vivendo a sabedoria, porque as teorias podem mudar, novas informações podem aparecer, mas, apesar dessas mudanças, ainda podemos dizer “a vida é uma teia de muitos fios, e nós somos um desses fios”. O conhecimento se transforma, mas a sabedoria permanece porque fala do essencial e do permanente, que se desdobra nos fenômenos, no particular, no fugaz, no instantâneo.

Os entrevistados nos relataram muitos casos em que as pessoas costumavam saber quando iria chover e se haveria um bom inverno, para que pudessem se preparar para o plantio e a colheita que alimentariam uma família e também para armazenar água. Mencionaram ainda o uso medicinal de chás que as pessoas costumavam fazer. Todas essas coisas são raramente usadas hoje em dia, desde os experimentos com o inverno até a cura de doenças com produtos naturais. Isso pode ser observado a partir do quadro abaixo, que caracteriza uma espécie de epistemologia camponesa do semiárido, que encontra sua expressão maior na perspectiva paradigmática da convivência com o semiárido enquanto expressão do bem viver.

<b>SABEDORIA TRADICIONAL DO SEMIÁRIDO RELATIVA ÀS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS</b>
<b>ASPECTOS ATMOSFÉRICOS</b>
<b>Nuvens densas ou cheias</b> – Segundo os mais velhos, se as nuvens estiverem muito cheias, significa que vem chuva.
<b>ASTROS</b>
<b>O barco de Noé</b> – É a experiência com as estrelas. Quando um barco feito de estrelas aparece no céu e está deitado, não é sinal de inverno. Mas se o barco estiver na posição vertical, apontando para o sertão, é sinal de que o inverno no sertão será bom.
<b>Primeira lua cheia de janeiro</b> – Se a lua nasce ou se põe atrás da barra de nuvens — uma faixa estreita de nuvens — que nasce no Leste nos primeiros dias do ano, as chances de chuva são altas.
<b>DIAS SANTOS</b>
<b>São José</b> – Comemorado em 19 de março, trata-se de uma data decisiva. Os mais velhos dizem que se não chover no dia de São José, não choverá mais.
<b>Dia de Santa Luzia</b> – Comemorado em 13 de dezembro. Dizem que se chover na véspera do dia 13, é sinal de que o inverno chegará mais cedo.
<b>FAUNA</b>
<b>A tanajura (formiga da espécie saúva)</b> – Os mais velhos dizem que quando elas começam a cair é porque a estação chuvosa acabou, o que significa verão.
<b>Formigas aladas</b> – Quando as formigas começam a criar asas e voar, isso significa para os fazendeiros que vai chover.
<b>Cupinzeiro cheio</b> – Em dezembro, os mais velhos costumam verificar o cupinzeiro: se houver muitas larvas lá dentro, significa que vai chover em breve.
<b>João-de-barro olhando o sol</b> – Dizem que se João-de-barro construir sua casa de frente para onde o sol nasce, é sinal de que não vai chover.
<b>Formigas reabastecem seu suprimento de comida</b> – Quando as formigas limpam seu ninho, removendo comida velha e trazendo comida nova, é um sinal de que estão se preparando para a chuva.
<b>O canto da sariema</b> – Quando canta, é sinal de chuva.
<b>A canção da lagartixa</b> – Quando canta nas telhas, é sinal de chuva.
<b>Galo de Campina</b> – Se o galo estiver em cima de uma árvore e cantar, significa que o inverno está chegando.
<b>Tatu</b> – Em novembro, se houver três ou quatro filhotes de tatu abrigados em suas tocas, é sinal de um bom inverno. Entretanto, se não houver filhotes na toca do tatu, isso indica tempo seco.
<b>Maribondo</b> – Se o maribondo se esconder, o ano que vem será bom.
<b>Sapo coaxando</b> – Quando o sapo começa a cantar alto, é porque está prestes a chover.
<b>Rola</b> – Se a rola pousar no chão, não vai chover.



<b>FLORA</b>
<b>Juazeiro</b> – No verão, segundo os profetas da chuva, o juazeiro dá frutos, e quando eles começam a cair significa que o inverno chegou.
<b>Folhas verdes do juazeiro</b> – Os mais velhos dizem que quando as folhas do juazeiro começam a ficar verdes, significa que o tempo mudou e vai chover.
<b>Angico se preparando</b> – Os mais velhos dizem que se o angico liberar resina de sua madeira, é sinal de que o inverno será bom.
<b>Resina do angico</b> – Útil para tosses e infecções.
<b>Chá de casca de ameixa</b> – Usado por idosos para tratar qualquer tipo de inflamação e para lavar feridas.
<b>Aroeira</b> – O chá ou xarope feito com a casca ou o pó da aroeira é usado para tratar gripe ou inflamação.
<b>Mandacaru</b> – Quando floresce na seca, é sinal de chuva.
<b>Chá de folhas de mentruz ou mastruz</b> – Tem efeito cicatrizante e antisséptico, além de tratar queimaduras.
<b>Casca e pó de jurema</b> – Muito utilizados para lavar feridas.
<b>Hortelã-verde</b> – Usado para tratar labirintite.
<b>FONTES D'ÁGUA</b>
<b>Água e sal</b> – Os mais velhos colocam uma tábua no telhado com seis montes de sal para cada mês (janeiro a junho). Ao amanhecer, na véspera de Santa Luzia, eles veem os montes derretidos. Aqueles que se desintegraram indicam um bom mês chuvoso; aqueles que permanecem secos indicam um mês seco.

Fonte: Oliveira, 2025

São inúmeras as experiências e vivências que comprovam a cientificidade do que foi elencado acima, de modo que, como afirma Villoro (1982, p. 23): “A ciência não pode substituir a sabedoria, nem a sabedoria a primeira. Ambas são formas de conhecimento, necessárias à espécie.”

## PARA CONCLUIR

Diante das explicações e diálogos acima, observa-se que a sabedoria dos intelectuais forjadores da tradição, ou seja, os guardiões do conhecimento, base da consolidação da agroecologia, da ciência e da política para a saúde dos povos, vai se perdendo gradativamente. Além disso, visto que novos meios de cultivo têm tomado o lugar das experiências tradicionais, a sabedoria, infelizmente, ficou restrita à memória dos agricultores mais antigos, já que os novos agricultores até têm conhecimento dessas experiências, mas preferem utilizar as novas, principalmente aquelas voltadas para a produção agroindustrial.



No entanto, o mercado agroecológico de Sumé-PB é um exemplo de um estilo de vida que podemos aproveitar, consumindo alimentos de agricultores locais que os produzem de forma totalmente orgânica e sem insumos químicos. Portanto, fica claro que, se alguns agricultores o deixaram de lado, outros não se permitem abrir mão desse conhecimento tradicional, mostrando-se ansiosos para mantê-lo vivo.

Essas experiências se configuram como pequenas respostas frente ao Antropoceno e ao Capitaloceno. A sabedoria dos agricultores se mostrou para nós, numa acepção ingoldiana da antropologia que fazemos, uma antropologia e uma educação, isto é, uma antropologia para a vida.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver** – uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ALMEIDA, Maria da Conceição. Apresentação – Para pensar bem. In: SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse**. Organização de Maria da Conceição Almeida e Paula Vanina Cencig. Natal: Flecha do Tempo, 2007.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Educação como aprendizagem da vida. **Educar**, Curitiba, n. 32, p. 43-55, 2008.

LITTLE, Paul E. (org.). **Conhecimento tradicional para o século XXI: etnografias da interculturalidade**. Instituto Internacional de Educação do Brasil, Brasília: EdUnb; Santos: Annablume, 2010.

MOORE, Jason W. (org.) **Antropoceno ou Capitaloceno?** – Natureza, história e a crise do capitalismo. Tradução de Antônio Xerxenesky e Fernando Silva e Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente** – Perspectivas sobre Biodiversidade e biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SHISTEK, Haroldo. **Sobre a História do Semiárido brasileiro**. Brasília: IABS, 2014.

SILVA, Neusine Medeiros; ANDRADE, Anna Jessica Pinto; SOUZA, Cimone Rozendo. **As experiências sertanejas e invernais não se tornaram potiguares**. UFPR Editora, 2010. Jan/Jun.



THOMPSON, Paul. História oral e tempos contemporâneos. **História Oral**, v. 5, 2009.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. (2015). **Memória biocultural: a importância ecológica da sabedoria tradicional**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VILLORO, Luis. **Crer, saber, conocer**. México: Siglo XXI Editores, 1982.

